



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Quinta-feira > 19/10 > 16:00-17:30  
Sala 1012

**Painel > Cuitelinho, O Recado do Morro e O Espelho: a música-poesia, os contos e a reflexão como instrumentos da experiência formativa.**

Este Painel se propõe a interpretar, em diálogo com reflexões estéticas de Adorno, três obras de arte brasileiras: a cantiga “Cuitelinho”, do cancionista popular; e dois contos de Guimarães Rosa: “O Espelho” (de Primeiras Estórias) e “O Recado do Morro” (de Corpo de Baile). “Cuitelinho”, uma canção-poema, produzida pela cultura caipira, expressa a melancolia de um conglomerado de raças espezinhas e deslocadas para as margens da civilização: o lusitano exilado, o índio e o negro escravizados. Em “O Espelho”, a tensão entre a objetividade científica ao abordar o objeto e os indícios metafísicos que se sobrepõem a essa visagem, dão ao texto vida e mistérios. Em “O Recado do Morro”, a experiência formativa do guia de uma caravana se processa, à medida que a viagem se desenvolve e que o recado da natureza adverte dos perigos da existência. Em comum, as três obras se aproximam na forma dialógica estabelecida entre elas e eixos estéticos de Adorno. Possuem elas outras afinidades temáticas: a). duas são histórias de um mesmo literato, Guimarães Rosa, e mesmo abordando temáticas que se distanciam entre si, conservam técnicas e racionalidades que se complementam; b). duas se desenvolvem no contato íntimo com a natureza: “Cuitelinho” e “O Recado do Morro”. Em ambas, manifestam-se a música e o poema, como uma crítica radical da realidade da vida do campo, e também como um intenso processo formativo daqueles que mergulharam fundo em suas entranhas na busca de decifrar seus mistérios. Os três textos deste Painel: 1- “Cuitelinho: memória, tradição e saudade”, de Gloria Bonilha Cavaggioni; 2- “Das reflexões de um ensaio

literário ao espelho da Crítica”, de Luís Fernando Arruda Campos;  
3- “O Recado do Morro: a estória da experiência formativa de Pedro Orósio”, de Bruno Pucci.

Bruno Pucci > Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP

### **O Recado do Morro: a estória da experiência formativa de Pedro Orósio**

Este ensaio se propõe a interpretar o conto “Recado do Morro”, de João Guimarães Rosa (1908-1967), em diálogo com as reflexões estético-filosóficas de Theodor Adorno. Não obstante o conto já ter sido analisado por destacados escritores, filósofos e literatos, ousou, com o apoio do ensaísta frankfurtiano, revelar alguns elementos do conteúdo de verdade desse conto, ainda não decifrados por seus comentaristas. O que me dá base para o empreendimento é o fato de os contos de Guimarães Rosa apresentarem uma densidade semântica, possibilitando uma pluralidade de leituras. Nesta perspectiva, destaco cinco eixos de análise: a). tensão entre a mimese e a racionalidade, entre o reino da natureza, da sensibilidade e as dimensões do construtivo e das técnicas; neste item detectarei duas técnicas intra-estéticas construídas por Rosa para dar mais expressão a seu escrito; b). a constelação como procedimento metodológico de Rosa na caracterização de seus personagens centrais, de Pedro Orósio, o protagonista do conto; e de Nominatedmine, o quinto transmissor do recado do Morro; c). A obra de arte como crítica da sociedade de onde ela proveio. No conto surge, com destaque e continuidade, as manifestações de pobreza que assolam a vida dos moradores do sertão dos gerais; d). O Recado do Morro como uma “estória de formação” de seu protagonista. Talvez seja este um dos itens mais originais do texto; e). A obra de arte como irrupção da objetividade na consciência subjetiva de Pedro Orósio. Quando o Recado do Morro se transforma em uma obra de arte, em uma cantiga e essa cantiga se apodera de Pedro Orósio, ele entende o Recado, se revolta contra seus falsos amigos e inicia a realização do sonho de sua vida: volta aos gerais, de onde veio, e alimenta a perspectiva da constituição de sua família.

Luis Fernando Altenfelder de Arruda Campos > UNESP- Campus Araraquara

### **Das Reflexões de um Ensaio Literário ao Espelho da Crítica**

Partindo de ponderações não apenas conceituais/reflexivas como também expressivas/literárias, este texto procura tensionar obras de campos distintos. O filosófico - em que o principal alicerce é a racionalidade conceitual - e o artístico em que ganham relevo os aspectos miméticos expressivos. Este entrelaçamento procura desvelar contrapontos entre o conto literário O Espelho, de Guimarães Rosa e as reflexões filosóficas suscitadas na Teoria Estética e na Dialética Negativa de Theodor Adorno. Essas obras, em seus distintos campos e com suas diferentes formalizações, colocam em tensão forças contraditórias. De um lado o esforço persistente do conceito que, mesmo ciente de seu fracasso e da impossibilidade de atingir suas próprias pretensões, procura dizer algo de indizível, explorando os seus limites em direção ao seu oposto, o não conceitual no objeto conceituado. Do outro lado do espelho, como um negativo do movimento do conceito, a narrativa de Rosa explora os aspectos expressivos da palavra de modo a revelar no objeto detalhes opacos ao conhecimento conceitual. No caso específico, um conto que procura espelhar tanto um ensaio filosófico quanto um experimento empírico, colocando como objeto de análise, a própria imagem no espelho. Explicação que exterioriza as constantes reviravoltas do objeto aos esforços metódicos que o narrador coloca para determinar um modo de decifrá-lo em seus detalhes, até o ponto em que o próprio enigma e negatividade ganham turvos contornos materiais na relação do narrador com o objeto, produzindo uma imagem que insiste em lhe provocar, mas que não se revela em sua totalidade.

Palavras chaves: estética, espelho, Guimarães Rosa, Theodor Adorno

Gloria Bonilha Cavaggioni > Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep

### **Cuitelinho: memória, tradição e saudade “ C u i t e l i n h o : memória, tradição e saudade**

Sob a luz da Teoria Estética de Theodor Adorno a música-poesia

Cuitelinho, composição coletiva de autores desconhecidos e de Paulo Vanzolini, revela nuances e contornos que à primeira vista passam despercebidos. A hermenêutica proposta pelo pensador alemão dá voz à singularidade de uma comunidade pouco valorizada atualmente. Em um mundo globalizado, em que não há tempo para a reflexão e onde impera a cegueira ideológica, a cultura caipira impregnada na referida obra desvela a crítica e o retrato de uma sociedade. Mergulhar em uma canção como esta é viver e recriar simbolismos e significados que preservam características, saberes e a maneira de ser de uma comunidade, que a fazem única em vários sentidos. Cuitelinho carrega consigo a tradição de um grupo, sua singularidade, seu jeito peculiar de ser, de enxergar o mundo e de viver. Em sua melodia conduz à atualidade uma parte da história dos árabes, dos europeus, do alaúde levado à Península Ibérica e da viola trazida pelos colonizadores portugueses ao Brasil. Exalta o modo de falar caipira, a aventura dos mestiços sem povo. O desafio proposto neste estudo é estabelecer um diálogo entre um poema cantado, expressão de uma das manifestações culturais da tradição caipira, e algumas categorias da teoria estética elaborada na Alemanha no contexto da arte de vanguarda. Na canção objeto de estudo, exemplo de arte autenticamente popular, é preciso reconhecer a garra do caipira que, em seu expressar muito mais inteligente que ingênuo, utiliza um vocabulário restrito, intuitivo e revela eficiência na arte de narrar, por meio de fatos corriqueiros de seu cotidiano, a profundidade mítica do humano, inerente a todos os tempos e lugares.

Palavras chave: Estética. Cultura caipira. Moda de viola. Cuitelinho.